

## I.

O que se segue é um relato verídico, da melhor forma que posso fazer, do meu papel na operação britânica de dissimulação de codinome Windfall, armada contra o Serviço de Inteligência da Alemanha Oriental (Stasi) no fim da década de 1950 e início da década de 1960, que resultou na morte do melhor agente secreto britânico com quem trabalhei e da mulher inocente por quem ele deu a vida.

Um oficial de inteligência profissional não é mais imune aos sentimentos humanos do que o restante da humanidade. Para ele, a questão reside em ser capaz de ocultá-los, suprimi-los, seja em tempo real ou, no meu caso, cinquenta anos depois. Até poucos meses atrás, deitado na cama, à noite, na remota fazenda na Bretanha que chamo de lar, ouvindo o mugido das vacas e o cacarejo das galinhas, eu lutava, determinado, contra as vozes acusadoras que, de tempos em tempos, tentavam tumultuar meu sono. Naquela época eu era jovem demais, protestava a minha mente, era inocente demais, ingênuo demais, inexperiente demais. Se vocês querem escarpelar alguém, eu dizia às vozes, procurem os grandes mestres da dissimulação: George Smiley e o chefe dele, Control. Foram suas refinadas astúcias, eu insistia, foram seus intelectos eruditos e ardilosos, não os meus, que desencadearam o triunfo e o tormento que foi Windfall.

Só agora, depois de ser chamado às falas pelo Serviço ao qual devotei os melhores anos da minha vida, sou levado pela idade e pela perplexidade a pôr no papel, custe o que custar, os lados transparentes e obscuros do meu envolvimento no caso.

Como cheguei a ser recrutado pelo Serviço de Inteligência Secreto — o Circus, como nós, “Jovens Turcos”, o chamávamos naqueles dias supostamente pacíficos em que estávamos instalados não numa fortaleza grotesca à beira do Tâmis, mas numa pilha de tijolinhos vermelhos vitoriana pomposa construída numa das curvas de Cambridge Circus — continua a ser um mistério tão grande para mim quanto as circunstâncias do meu nascimento; e, mais ainda, por esses dois acontecimentos serem indissociáveis.

Segundo minha mãe, meu pai, de quem mal consigo me lembrar, era o filho pródigo de uma rica família anglo-francesa da região central da Inglaterra, um homem de apetites vorazes, dilapidador ágil do próprio patrimônio e com um amor redentor pela França. No verão de 1930, ele aproveitava a temporada de águas minerais no balneário de Saint Malo, no litoral norte da Bretanha, frequentando os cassinos e as *maisons closes* e, em geral, causando boa impressão por sua elegância. Minha mãe, única descendente de uma longa linhagem de fazendeiros bretões, e com 20 anos na época, por acaso estava na cidade também, cumprindo os deveres de dama de honra no casamento da filha de um próspero leiloeiro de gado. Pelo menos foi o que ela disse. No entanto, como era a única fonte da informação, e adepta de enfeitar um pouco quando os fatos não lhe eram favoráveis, não me surpreenderia se ela tivesse ido à cidade com propósitos menos nobres.

Depois da cerimônia, segundo seu relato, ela e outra dama de honra, sob o efeito de uma ou duas taças de champanhe, saíram de fininho da recepção e, ainda com seus vestidos de festa, seguiram para um passeio noturno pelo calçadão repleto, onde meu pai também caminhava. Minha mãe era bela e volúvel; sua amiga, um pouco menos. Uma paixão avassaladora se seguiu. Minha mãe demonstrou uma compreensível relutância com o rumo acelerado que as coisas tomaram. Um outro casamento foi logo marcado. Eu fui a consequência. Meu pai, ao que parece, não nascera para a vida de casado e, mesmo nos primeiros anos do matrimônio, se fez mais ausente que presente.

Mas então a história sofre uma reviravolta heroica. A guerra, como todos sabem, muda tudo e, num instante, mudou meu pai. Mal ela foi declarada e ele já batia às portas do Departamento de Guerra britânico,

oferecendo seus serviços voluntários para quem quer que o aceitasse. Sua missão, segundo minha mãe, era salvar a França sozinho. Se era também para fugir das obrigações familiares, essa é uma heresia que nunca tive permissão de proferir na presença de minha mãe. Os britânicos tinham uma Executiva de Operações Especiais recém-formada por Winston Churchill em pessoa para “botar fogo na Europa”. As cidades litorâneas do sudoeste da Bretanha eram um viveiro de atividade de submarinos alemães, e nossa cidadezinha de Lorient, uma ex-base naval francesa, o viveiro mais intenso de todos. Lançado cinco vezes de paraquedas nas planícies bretãs, meu pai se aliou a todos os grupos da Resistência que encontrou pela frente, promoveu sua cota de caos e sofreu uma morte terrível na prisão de Rennes, nas mãos da Gestapo, deixando como legado um exemplo de dedicação abnegada impossível de ser igualada por um filho. Seu outro legado foi uma fé equivocada no sistema britânico de internatos, que, não obstante o péssimo desempenho dele em seu próprio colégio interno, me condenou ao mesmo destino.

Meus primeiros anos de vida foram passados no paraíso. Minha mãe cozinhava e tagarelava, meu avô era austero, mas bondoso, a fazenda prosperava. Em casa, falávamos bretão. Na escola primária católica de nosso vilarejo, uma bela jovem freira que havia passado seis meses em Huddersfield como *au pair* me ensinava o básico da língua inglesa e, por determinação do governo, o francês. Nas férias escolares, eu corria descalço pelos campos e pelos rochedos ao redor da fazenda, colhia trigo-sarraceno para os crepes que minha mãe fazia, cuidava de uma porca velha chamada Fadette e participava de brincadeiras ao ar livre com as crianças do vilarejo.

O futuro não significava nada para mim até que me atingiu.

Em Dover, uma senhora gorducha chamada Murphy, prima do meu falecido pai, me pegou da mão de minha mãe e me levou para sua casa, em Ealing. Eu tinha oito anos. Pela janela do trem, vi balões barragem pela primeira vez. Durante o jantar, o Sr. Murphy disse que tudo terminaria em poucos meses, e a Sra. Murphy disse que não, ambos falando devagar e se repetindo para facilitar o meu entendimento. No dia seguinte, a Sra. Murphy me levou à loja Selfridges e me comprou um

uniforme escolar, tomando o cuidado de guardar os recibos. Um dia depois, na plataforma da estação de Paddington, ela chorou enquanto eu acenava para ela, o barrete da nova escola já na minha cabeça.

A anglicização desejada para mim por meu pai requer pouca explicação. Havia uma guerra em andamento. As escolas precisavam trabalhar com o que tinham à mão. Eu não era mais Pierre, e sim Peter. Meu inglês precário era ridicularizado por meus colegas de turma; meu francês com sotaque bretão, por meus professores sitiados. Nossa pequena aldeia de Les Deux Églises, me informaram quase *en passant*, fora ocupada pelos alemães. As cartas da minha mãe chegavam, quando chegavam, em envelopes pardos com selos britânicos e carimbos postais de Londres. Somente anos depois parei para pensar nas bravas mãos pelas quais elas deviam ter passado. Os recessos escolares eram, para mim, um borrão de colônias de férias para garotos e monitores. Escolas preparatórias para o ensino médio, de tijolinhos vermelhos, eram transformadas em internatos com prédios de granito cinza, mas o programa educacional permanecia o mesmo: a mesma margarina, os mesmos sermões sobre patriotismo e Império, a mesma violência aleatória, a crueldade casual e o desejo sexual não saciado e negligenciado. Numa noite de primavera em 1944, pouco antes dos desembarques do Dia D, o diretor me chamou ao seu gabinete e me contou que meu pai havia morrido em combate e que eu deveria me orgulhar dele. Por questões de segurança, nenhuma explicação adicional foi disponibilizada.

Eu tinha dezesseis anos quando, ao fim de um segundo bimestre especialmente tedioso, voltei à Bretanha pacificada como um desajustado inglês ainda em fase de crescimento. Meu avô tinha morrido. Minha mãe dividia a cama com um novo companheiro chamado Monsieur Emile. Não dei muita bola para ele. Metade de Fadette fora entregue aos alemães; a outra, à Resistência. Fugindo das contradições da minha infância e estimulado por um sentimento de obrigação de filho, embarquei como clandestino num trem para Marselha e, acrescentando um ano à minha idade, tentei me alistar na Legião Estrangeira francesa. Minha aventura quixotesca chegou a um fim sumário quando a Legião, fazendo uma rara concessão às súplicas de minha mãe, que alegou que eu não era estrangeiro, mas francês, me liberou para voltar ao des-

terro, dessa vez no subúrbio londrino de Shoreditch, onde o peculiar meio-irmão do meu pai, Markus, tinha uma empresa de importação que trazia peles e tapetes valiosos da União Soviética — embora ele sempre a chamasse de Rússia — e se ofereceu para me ensinar o ofício.

Tio Markus permanece como outro enigma não solucionado na minha vida. Até hoje não sei se sua oferta de emprego foi de alguma forma inspirada por aqueles que viriam a ser meus mestres. Quando lhe perguntei como meu pai tinha morrido, ele balançou a cabeça em desaprovação — não por causa do meu pai, mas em razão da falta de sensibilidade do meu questionamento. Às vezes me pergunto se é possível alguém nascer misterioso, da mesma forma que as pessoas nascem ricas, ou altas, ou com talentos musicais. Markus não era mau, rígido demais ou inclemente. Era apenas misterioso. Originário da Europa Central, seu sobrenome era Collins. Nunca soube qual tinha sido antes disso. Falava inglês muito rápido e com sotaque, mas eu jamais descobri qual era sua língua materna. Chamava-me Pierre. Tinha uma namorada chamada Dolly que era dona de uma loja de chapéus em Wapping e o apanhava na porta do depósito nas tardes de sexta-feira. Mas eu nunca tive a menor ideia de aonde iam nos fins de semana, se eram casados um com o outro, ou com outras pessoas. Dolly tinha um Bernie em sua vida, mas eu nunca soube se o sujeito era seu marido, seu filho ou seu irmão, porque Dolly também tinha nascido misteriosa.

Nem pensando em retrospecto eu sei dizer se a Companhia Transiberiana Collins de Peles & Tapetes Finos era uma empresa de importação verdadeira ou uma fachada montada com o propósito de coletar informações secretas. Tempos depois, quando resolvi investigar o assunto, minhas buscas não me levaram a lugar nenhum. Só sei que toda vez que tio Markus se preparava para visitar uma feira de negócios, fosse em Kiev, Perm ou Irkutsk, ele tremia muito; e, quando voltava, bebia muito. E que, nos dias anteriores a uma feira dessas, um inglês de fala refinada chamado Jack aparecia na firma, bajulava as secretárias, surgia à porta da área de separação, só a cabeça à mostra, e gritava: “Oi, Peter, tudo bem com você?” — nunca Pierre —, e então levava Markus para um almoço demorado em algum lugar. E, depois do almoço, Markus voltava para seu escritório e trancava a porta.

Jack se dizia um negociante de peles de marta finas, mas então fiquei sabendo que o negócio dele eram informações secretas, porque, quando Markus anunciou que seu médico não lhe permitiria mais participar de feiras, Jack sugeriu que eu fosse almoçar com ele e me levou ao Travellers Club, em Pall Mall, perguntou se eu teria preferido a vida na Legião, se eu tinha intenções sérias em relação a alguma de minhas namoradas e por que eu havia abandonado o colégio interno levando em conta o fato de que eu era capitão da equipe de boxe, e se eu já havia pensado em fazer algo útil pelo meu país, referindo-se à Inglaterra, porque, se eu achava que tinha perdido a oportunidade de lutar na guerra por causa de minha idade, esta era a minha chance de recuperar o tempo perdido. Só mencionou meu pai uma vez, durante o almoço, de um jeito tão fortuito que daria para supor que o assunto poderia ter fugido totalmente de sua lembrança:

— Ah, e a respeito de seu tão reverenciado e falecido pai. Cá entre nós, e você não ouviu isso de mim, pois é confidencial. Tudo bem?

— Tudo.

— Ele foi um cara muito corajoso, de verdade, e fez um trabalho de primeira por seu país. Seus dois países. Ficou satisfeito?

— Se é o que você diz...

— Então, um brinde a ele.

A ele, concordei, e bebemos em silêncio.

Numa elegante casa de campo em Hampshire, Jack e seu colega Sandy, junto com uma garota eficiente chamada Emily, por quem me apaixonei imediatamente, me deram um curso intensivo sobre como extrair material de uma *dead letter box* no centro da cidade de Kiev — na verdade, essa “caixa de correio desativada” era um esconderijo improvisado atrás de um pedaço de alvenaria solta na parede de um velho quiosque de tabaco —, do qual eles tinham uma réplica no jardim. E sobre como identificar o sinal que me avisaria que estava tudo certo para a extração — no caso, uma fita verde esfarrapada amarrada a um gradil. E sobre como, em seguida, indicar que eu havia tirado o material do esconderijo, jogando um maço de cigarro russo vazio numa lixeira perto de um ponto de ônibus.

— E, Peter, quando você solicitar seu visto russo, talvez seja melhor usar o passaporte francês em vez do britânico — sugeriu ele num tom

jovial, e me lembrou que o tio Markus tinha uma empresa afiliada em Paris. — A propósito, Emily está fora de questão — acrescentou ele, caso eu estivesse pensando o contrário, e eu estava.

★

E aquele foi meu primeiro trabalho, minha primeira missão para o que depois eu ficaria conhecendo como o Circus, e minha primeira visão de mim mesmo como um “guerreiro secreto”, à imagem do meu falecido pai. Já não consigo enumerar as outras missões das quais participei nos anos seguintes, mas foram pelo menos uma meia dúzia, em Leningrado, Gdansk e Sofia, e em seguida em Leipzig e Dresden, e todas elas, até onde eu sempre soube, rotineiras, descontando o esforço de me preparar todo e depois levantar acampamento.

Em feriados prolongados, numa outra casa de campo com outro lindo jardim, acrescentei novos truques ao meu repertório, como contravigilância e esbarrões em estranhos numa multidão para fazer uma entrega furtiva. A certa altura no meio desses exercícios, numa cerimônia reservada dentro de um apartamento seguro na South Audley Street, eu tive a permissão de me apossar das medalhas de bravura do meu pai: uma francesa, uma inglesa, e as menções honrosas que as explicavam. Por que tanto tempo depois?, eu poderia ter indagado. Mas, àquela altura, eu já havia aprendido a não fazer perguntas.

Foi só quando comecei a visitar a Alemanha Oriental que o barbigudo de óculos e eternamente preocupado, George Smiley, entrou na minha vida. Era uma tarde de domingo, em West Sussex, quando eu estava sendo interrogado após retornar da missão, não mais por Jack, mas por um sujeito rude chamado Jim, de ascendência tcheca e da minha idade, cujo sobrenome, quando finalmente lhe foi concedido um, era nada menos que Prideaux. Eu o menciono porque ele, posteriormente, também desempenhou um papel crucial na minha carreira.

Smiley não falou muito no meu interrogatório, simplesmente ficou sentado escutando e, vez ou outra, me espiava como uma coruja através de seus óculos de armação grossa. Mas, quando terminou, ele sugeriu que déssemos uma volta pelo jardim, que parecia não ter fim e

era ligado a um parque. Conversamos, sentamos num banco, caminhamos, sentamos de novo e continuamos falando. Minha querida mãe — estava viva e passava bem? Ela está bem, obrigado, George. Meio caduca, mas bem. E as medalhas do meu pai — eu as havia guardado? Conte que minha mãe as polia todo domingo, o que era verdade. Não mencionei que às vezes ela as pendurava no meu peito e chorava. Mas, ao contrário de Jack, Smiley não me perguntou sobre minhas namoradas. Devia achar que não havia risco por eu ter mais de uma.

E, agora, quando me lembro daquela conversa, não consigo evitar pensar que, conscientemente ou não, ele estava se oferecendo como a figura paterna que depois se tornaria. Mas talvez esse sentimento estivesse em mim, e não nele. O fato é que, quando ele enfim disparou a pergunta, eu tive a sensação da volta ao lar, ainda que meu lar estivesse do outro lado do Canal, na Bretanha.

— Estávamos nos perguntando, sabe — disse, de um jeito meio vago —, se você não gostaria de trabalhar conosco com maior regularidade. As pessoas que trabalham por fora nem sempre se encaixam trabalhando dentro. Mas, no seu caso, achamos que isso seria possível. Não pagamos muito, e as carreiras tendem a ser interrompidas. Mas sentimos que é um trabalho importante, quando se leva em conta o fim, e não tanto os meios.